Financiamento:

Iceland Liechtenstein Norway Active citizens fund

açores com IMPACTO 2020-2022

Manual de replicação

Projeto de Capacitação

“Açores com Impacto”

CRESAÇOR, IPPS-ISCTE e Stone Soup

Financiado pelas EEA Grants, Fundação Calouste Gulbenkian

Ano letivo 2020/2021

Fundo gerido por: FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN · FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO

Promotor: CRESAÇOR

Parceiros: GOVERNO DOS AÇORES · ARDE

Dinamizador: ipps_iscte Melhores Políticas Públicas

ipps_iscte

Melhores Políticas Públicas

Índice

Apresentação do Curso 3

Objetivos do manual de replicação 5

Destinatários 5

Programa curricular 9

Orientação 11

- **Conceitos-chave** 11
- **Referencial de avaliação de impacto IPPS-ISCTE e Stone Soup no projeto "Açores com Impacto"** 21
- **Plano de avaliação de impacto** 27

Equipa e autoria 28

- **Supervisão** 28
- **Coordenação** 28
- **Equipa Docente e de Mentoria** 28

Apresentação do Curso

O Projeto de Capacitação CRESAÇOR - "AÇORES COM IMPACTO", foi desenvolvido pelo IPPS-ISCTE entre 2020 e 2021, em estreita colaboração com o promotor Cresaçor, com o nosso parceiro de capacitação, Stone Soup e financiado pelo programa EEA Grants da Fundação Calouste Gulbenkian.

Este ambicioso projeto de capacitação teve como missão contribuir para a obtenção de um nível elevado de autonomia em Avaliação de Impacto pelas Organizações de Economia Social e Solidária (OESS) da região autónoma dos Açores, através da aquisição das competências necessárias para avaliarem e compreenderem o impacto e o valor multidimensional gerado pelas suas intervenções.

A equipa docente recomenda sempre o apoio de entidades externas especializadas nesta desafiante matéria que é a Avaliação de Impacto, como garantia de isenção, legitimidade e credibilidade, seja num papel de formação, mentoria, supervisão e/ou auditoria técnica aos processos de avaliação de impacto, mas recomenda também que todas as OESS e quaisquer organizações públicas ou privadas, quando são representativas de setores com responsabilidades relevantes no tema da sustentabilidade, desenvolvam algum nível de autonomia interna de competências nesta área. Em alguns casos essa autonomia é absolutamente essencial, sendo disso exemplo o setor da economia social e solidária dos Açores, pelas dificuldades decorrentes da insularidade e pelo papel central das OESS na região, cujas intervenções são estruturantes em todas as dimensões da sustentabilidade (social, ambiental, económica, cultural e de governança) e carecem de validação ao nível societal através da avaliação de impacto.

Ao longo dos últimos anos, as regiões autónomas dos Açores e da Madeira, o interior do continente, regiões desfavorecidas da CPLP e muitas organizações da economia social e solidária (OESS) com menos recursos, têm enfrentado uma lacuna no tema da Avaliação de Impacto, por dificuldades financeiras, de cultura institucional e de condições efetivas de acesso a capacitação e a boas práticas.

Suprir esta lacuna é uma missão que o seminário em Metodologias de Avaliação de Impacto nas Organizações da Economia Social (MAIOES) do IPPS-ISCTE tem procurado cumprir, com uma postura de filantropia e de democratização do acesso ao conhecimento, fomentando uma cultura de transparência e de impacto.

Esta mesma lacuna foi superada pela entidade promotora do "Açores com Impacto", a Cresaçor, que procurou ajuda de forma incansável e o conseguiu com apoio das EEA Grants e da Fundação Calouste Gulbenkian, em parceria com o IPPS-ISCTE e com a Stone Soup, tendo os seus dirigentes e colaboradores tido um notável empenho e resultado no projeto enquanto alunas e alunos, mas também enquanto mentores de avaliação de impacto certificados, posicionando-se como agentes de liderança e de mudança em prol de uma cultura de avaliação de impacto na região.

IPPS-Iscte – Instituto para as Políticas Públicas e Sociais · Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa · ☎ +351 210 464 021 · ✉ geral.ipps@iscte-iul.pt

O presente Manual de replicação tem como missão dar continuidade e os instrumentos necessários para que essa autonomia tenha alcance de longo prazo, pela mão dos mentores e gestores de avaliação de impacto formados atualmente e outros que venham a ser capacitados e formados.

Estas organizações do setor da economia social e solidária dos Açores produzem diariamente impacto e valor em múltiplas dimensões. Com o projeto de capacitação teórica e prática do IPPS-ISCTE de que os mentores e gestores de avaliação de impacto beneficiaram, passaram a conseguir medir esse impacto e esse valor, bem como a criar ciclos estratégicos e de aprendizagem organizacional através da avaliação de impacto, que lhes permitirá decidir melhor, comunicar e cooperar com maior eficácia junto de beneficiários, financiadores e parceiros, desenvolver melhoria contínua e mudar para uma cultura de impacto que os posicione à altura dos enormes desafios atuais e futuros do desenvolvimento sustentável.

Estas organizações, dirigentes e colaboradores(as) capacitados(as) adquiriram conhecimentos e competências aplicacionais, seja para aplicar metodologias no imediato, como fizeram na componente prática deste projeto, com a realização de projetos reais de avaliação, seja com a continuidade autónoma dos seus processos de aprendizagem, de desenvolvimento pessoal e de mudança assentes numa melhoria contínua de longo prazo, através da prática recorrente e exigente nesta área, nomeadamente pela implementação de sistemas de avaliação de impacto nas suas organizações e programas.

Este projeto foi desenvolvido entre outubro de 2020 e novembro de 2021 em modo de ensino síncrono e assíncrono. O projeto teve as seguintes componentes:

1) Formação à distância, em formato síncrono através da plataforma Zoom
2) Mentoria síncrona e assíncrona (plataforma Zoom, Blackboard e Google Classroom)
3) Participação em dois eventos públicos | 2 Workshops em modo webinar via Zoom e presencial
4) Entrega do Manual de Replicação

IPPS-Iscte – Instituto para as Políticas Públicas e Sociais · Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa · ☎ +351 210 464 021 · ✉ geral.ipps@iscte-iul.pt

Objetivos do manual de replicação

O presente manual visa os seguintes objetivos:

- Preservar as boas práticas desenvolvidas e conteúdos pedagógicos do programa, que os mentores estejam capacitados para usar enquanto formadores e mentores de novos gestores de impacto
- Dotar as organizações do ecossistema da economia social e solidária dos Açores de um centro de recursos que ajude os "mentores de avaliação de impacto" e os "gestores de impacto" capacitados a formar novos gestores de impacto

A aplicação do presente manual é reconhecida pela equipa docente do IPPS-ISCTE na medida em que seja implementada com a supervisão de um(a) mentor(a) de avaliação de impacto certificado(a) no projeto "Açores com Impacto" e para capacitar gestores de avaliação de impacto, o que na prática significa que reconhecemos como válidas apenas as avaliações desenvolvidas por gestores de impacto que beneficiaram de um processo de capacitação e supervisão de mentores de avaliação de impacto certificados. O IPPS-ISCTE e o seu parceiro Stone Soup estão obviamente disponíveis para promover novos cursos para formar, capacitar e certificar novos mentores de avaliação de impacto, sob a égide e acervo do Impact Management Project. Em contexto de implementação do presente Manual de Replicação recomendamos as seguintes componentes e etapas para a sua implementação.

Componentes e etapas recomendadas:

1) Briefing inicial baseado nos resultados de um diagnóstico de competências/expetativas e noutros temas relevantes para os formandos. Esse briefing deverá ser de preferência presencial mas pode ser realizado em modo webinar, visando fomentar compromisso, confiança, ambiente de colaboração e empatia, nomeadamente pela partilha da experiência pessoal dos próprios mentores no "Açores com Impacto". (Ver ponto: Destinatários);
2) Formação inicial intensiva, seja presencial ou à distância (de preferência presencial, caso seja possível);
3) Formação à distância, em formato síncrono através da plataforma Zoom ou semelhante;
4) Mentoria síncrona e assíncrona (plataforma Zoom, ou semelhante e Google Classroom), em dois modos – mentoria com cada grupo e com todos os grupos;
5) Simulação de *Pitch a investidores/parceiros estratégicos* dos relatórios de avaliação de impacto desenvolvidos, com um Júri convidado pelos mentores de avaliação de impacto;
6) Realização de dois eventos públicos | 2 Workshops, um numa fase inicial e outro no final, seja em modo webinar via Zoom ou semelhante, seja presencial;
7) Criação de um breve vídeo apelativo e de fácil compreensão por qualquer stakeholder, para divulgação pública de cada avaliação de impacto realizada, um vídeo que convide e possa ser complementado pela leitura do respetivo relatório de avaliação de impacto.

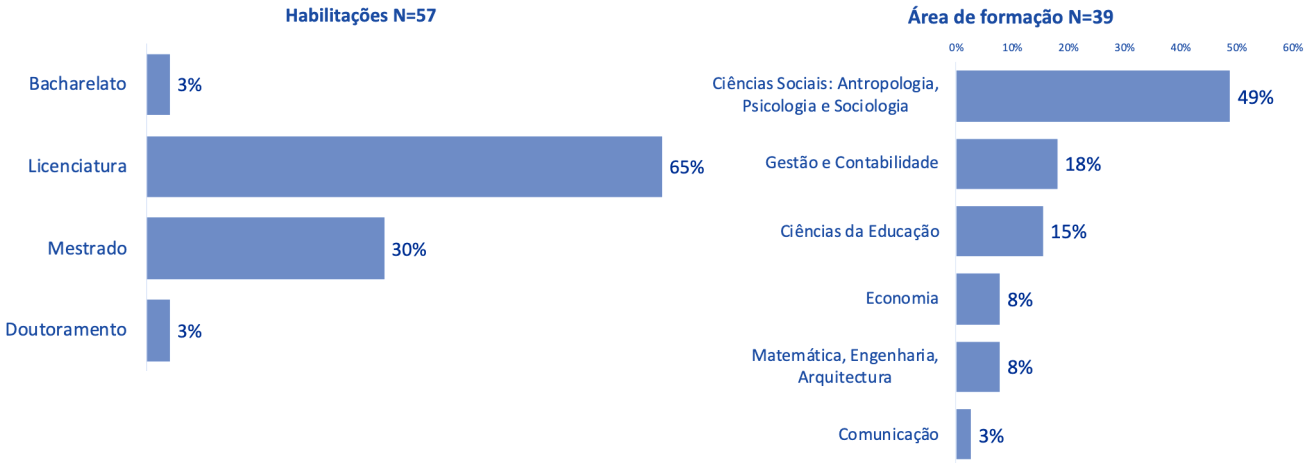
IPPS-Iscte – Instituto para as Políticas Públicas e Sociais · Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa · ☎ +351 210 464 021 · ✉ geral.ipps@iscte-iul.pt

Destinatários

O programa de formação e capacitação que este manual visa replicar, destina-se a profissionais provenientes de Organizações da economia social e solidária (OESS), de ONG's e entidades de organizações públicas e privadas, que desejem encetar um processo multidisciplinar de capacitação em avaliação de impacto, para atingir alguma autonomia nesta matéria, pelo desenvolvimento de processos de avaliação de impacto pelas suas equipas internas, em colaboração/supervisão/auditoria por especialistas em avaliação de impacto e capacitação prestada por mentores de avaliação de impacto IPPS-ISCTE.

De acordo com os dados obtidos no inquérito de diagnóstico IPPS-ISCTE, anterior ao 1º workshop de capacitação, com o tema "A Avaliação e a Gestão do Impacto - Sustentabilidade e Futuro da Economia Social", há algumas tendências pertinentes como contexto de eventuais replicações da capacitação. O inquérito indica que os profissionais das OESS interessados e mobilizados para o tema têm formações de base que correspondem, de forma muito positiva, ao tipo de multidisciplinaridade que preconizamos na avaliação de impacto, sublinhando o potencial que o ecossistema das OESS da região dos Açores tem nesta matéria. De salientar que é preciso procurar integrar competências aparentemente menos abundantes, de áreas como a Economia, Matemáticas, Engenharias, Arquitectura e em particular a Comunicação, componente muito importante da avaliação de impacto e que é facilmente subestimada.

Figura 1 e 2 – Habilitações e áreas de formação | 2020



O segundo workshop intitulado "A Cultura da Avaliação de Impacto e o Futuro da Economia Solidária" visou focar desafios universais nesta área, que devem ser contextualizados em cada curso ou projeto de capacitação, que passam por perceber como superar os receios assentes em culturas organizacionais e de dirigentes do setor/ecossistema/comunidade focado(a), relativamente à sua efetiva adesão à avaliação de impacto, como superar os desafios da implementação e como gerar ciclos de aprendizagem, mudança organizacional e de melhoria contínua, através dos processos/sistemas de avaliação de impacto, das suas conclusões e insights.

IPPS-Iscte – Instituto para as Políticas Públicas e Sociais · Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa · ☎ +351 210 464 021 · ✉ geral.ipps@iscte-iul.pt

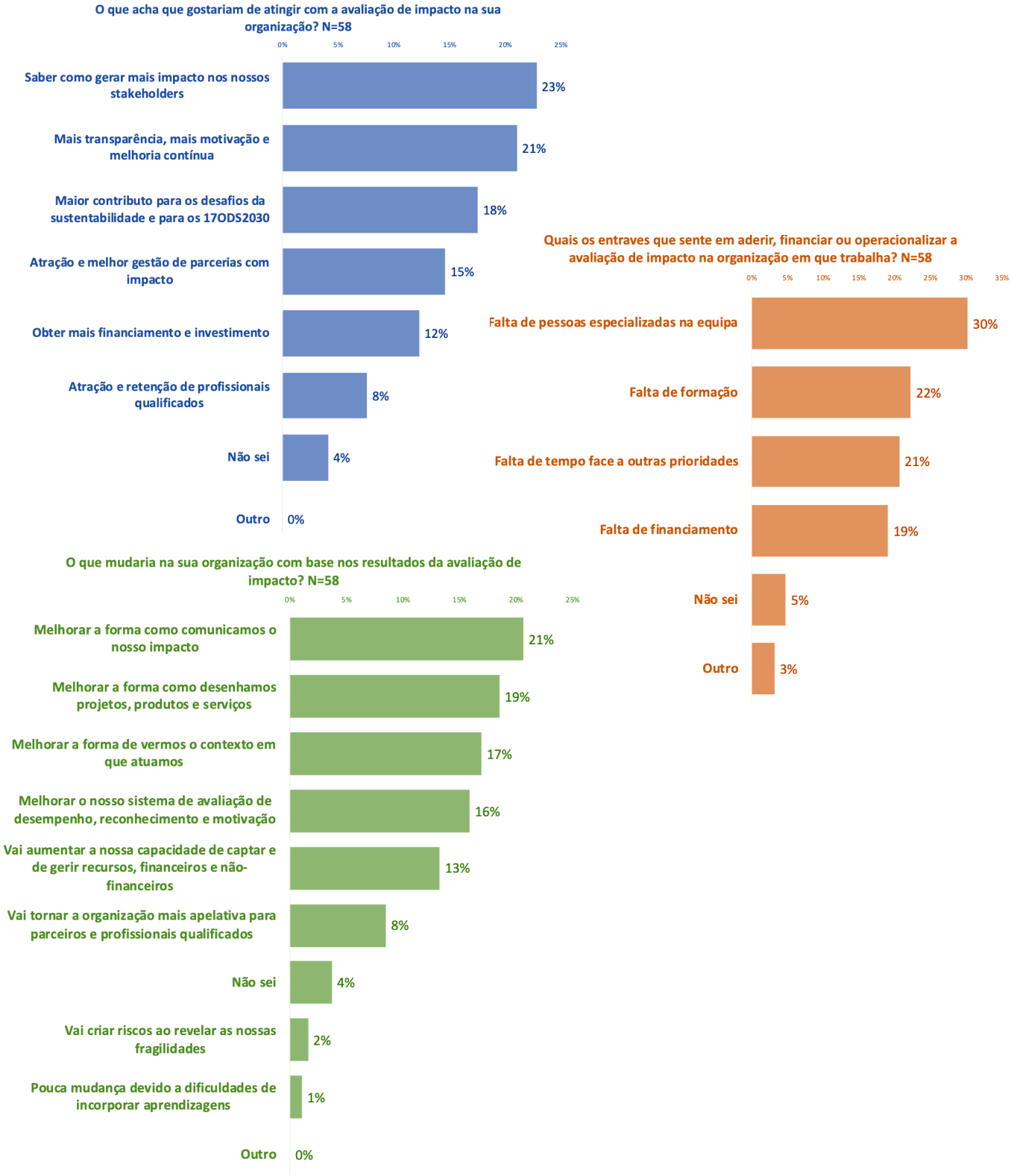
Importa focar também o perfil que os respondentes ao nosso inquérito consideram ter relativamente às diferentes áreas de tarefas dos processos de avaliação de impacto, bem como as competências que consideram estar mais ou menos disponíveis nas suas organizações.

Figura 3 e 4 – Perfis de competências (motivação e situação atual) | 2020

IPPS-Iscte – Instituto para as Políticas Públicas e Sociais · Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa · ☎ +351 210 464 021 · ✉ geral.ipps@iscte-iul.pt

O nosso diagnóstico focou ainda as mudanças esperadas, os objetivos, bem como os potenciais entraves que os respondentes ao nosso inquérito consideram relevantes em relação a processos de avaliação de impacto nas suas organizações.

Figura 5, 6 e 7 – Avaliação de impacto: motivações, entraves e mudanças esperadas | 2020



IPPS-Iscte – Instituto para as Políticas Públicas e Sociais · Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa · ☎ +351 210 464 021 · ✉ geral.ipps@iscte-iul.pt

Programa curricular

Os conteúdos programáticos teóricos têm a estrutura descrita em baixo, cuja bibliografia e materiais pedagógicos estão na pasta **"Referências teóricas".**

1) **Os conceitos de impacto e de valor em sustentabilidade**
   1.1. Teorias aplicadas e multidisciplinares sobre impacto e valor em sustentabilidade.
   1.2. Contexto da avaliação de impacto e de medição de valor nas políticas intersectoriais, internacionais e nacionais.
   1.3. Organizações de referência na geração de impacto e valor sustentável.
   1.4. As quatro dimensões do valor em sustentabilidade: ambiental, social, económica e cultural.

2) **A avaliação de impacto e o seu papel na gestão estratégica das OES**
   2.1. Estratégia e planeamento em processos de avaliação de impacto e de medição de valor sustentável: estudos "one shot" versus sistemas contínuos de avaliação
   2.2. As metodologias de avaliação de impacto e a causalidade.
   2.3. As metodologias de medição de impacto e de valor sustentável:
      2.3.1. Mapeamento e análise de stakeholders;
      2.3.2. A teoria da mudança e o mapa de impactos;
      2.3.3. A medição do custo/eficácia e do retorno sobre o investimento;
      2.3.4. O método de valoração contingente.

3) **Fontes e Indicadores em avaliação de impacto e medição de valor sustentável**
   3.1. Fontes secundárias e primárias; dados quantitativos e qualitativos; KPI's (Key Performance Indicators)
   3.2. Desenho e análise de instrumentos empíricos de medição de impacto e de valor sustentável.

4) **Reporting, storytelling e o ciclo virtuoso das práticas de avaliação de impacto**

5) **Aprendizagem e entropia na ligação entre avaliação de impacto e avaliação de desempenho nas OES.**

IPPS-Iscte – Instituto para as Políticas Públicas e Sociais · Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa · ☎ +351 210 464 021 · ✉ geral.ipps@iscte-iul.pt

Bibliografia Essencial (Consultar na pasta: "Referências teóricas")

1. Adam Richards & Jeremy Nicholls *et al* (2015) A discussion document on the valuation of social outcomes*, Social Value International, Rockefeller Foundation*
2. Asian Development Bank (1998) Logical Framework
3. Aspen network of development entrepreneurs (2018) ANDE Metrics, *Impact Management Project*
4. Boiardi, P.; Hehenberger, L. & Gianoncelli, A. (2016) IMPACT MEASUREMENT IN PRACTICE – IN-DEPTH CASE STUDIES, *EVPA*
5. Eguren, I. (2011) Theory of Change, A thinking and action approach to navigate in the complexity of social change processes, HIVOS/UNPD
6. Expert working group (2017) Engaging all affected stakeholders, guidance for investors, funders, and organizations, *World Economic Forum*
7. Fordi, M. (2012) Six Theory of Change Pitfalls to Avoid, *SSIR – Stanford Social Innovation Review*
8. Gertler, P. et al (2011) Impact evaluation in practice, *The International Bank for Reconstruction and Development, The World Bank*
9. Gil, A. C. (1989) Métodos e Técnicas de Pesquisa Social, *publicação Atlas*
10. Impact Management Project - 60 Decibels, Keystone, Omidyar Network (2019) Using self-reported data for impact measurement, How to use stakeholder surveys to improve impact performance
11. Impact Management Project (2018) A Guide to Classifying the Impact of an investment
12. Muir, K. & Bennett, S. (2014) The Compass: your guide to social impact measurement, *Sydney Australia, Center for Social Impact*
13. Nichols, J. *et al* (2009) A guide to social return on investment
14. NPC (2019) Theory of change in ten steps*, Handbook*
15. SIAA Thought Paper (2012) How can organisations think about the practice of Social Impact Analysis?, *SIAA – Social Impact Analysts Association*
16. SIAA Thought Paper (2012) Principles of Social Impact Analysis Mapping Exercise, *SIAA – Social Impact Analysts Association*
17. Stern, E. (2015) Impact Evaluation, A Guide for Commissioners and Managers, *Big Lottery Fund, Bond, Comic Relief and the Department for International Development*
18. SVI - Social Value International (2018) Only include what is material
19. SVI - Social Value International (2018) Seven principles of social value
20. SVI - Social Value International (2019) Value the things that matter
21. Rosenberg, L. (1979) A manager's guide to a scientific approach to design & evaluation, *Practical Concepts Incorporated (PCI)*

IPPS-Iscte – Instituto para as Políticas Públicas e Sociais · Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa · ☎ +351 210 464 021 · ✉ geral.ipps@iscte-iul.pt

Orientação

O manual corresponde a este documento de orientação global e a um vasto centro de recursos para capacitação modular e de auto-aprendizagem, dividido em três componentes:

- Referências teóricas
- Recursos de orientação
- Recursos aplicacionais

Os conteúdos do presente documento estão organizados, tal como todo o programa de capacitação, segundo o programa curricular, plano de avaliação de impacto e matriz do IMP, pilares do atual acervo e referencial de avaliação de impacto do seminário MAIOES do IPPS-ISCTE.

Conceitos-chave

Neste ponto damos voz aos nossos mentores de avaliação de impacto, formados com excelência, numa média global de 17 em 20, cujas respostas ao teste escrito individual ilustram a maturidade, vocação e empenho na aquisição de competências em avaliação de impacto, um testemunho e exemplo para o setor da economia social e solidária nacional e internacional, bem como para futuros programas universitários de capacitação em avaliação de impacto.

1. **Os contributos positivos da avaliação de impacto para as OESS**

RESPOSTA DE VÂNIA MACHADO: *"A Avaliação de Impacto é fundamental para as Organizações de Economia Social e Solidária, pois permite perceber "como seria o mundo" sem a intervenção destas organizações, isto é, qual é efetivamente o contributo destas organizações para a resolução dos diferentes desafios sociais, ambientais, económicos e culturais.*

Estas organizações para implementarem os seus projetos estão maioritariamente dependentes de financiamentos externos, e como tal a avaliação de impacto torna-se fundamental para atrair financiamento, bem como parcerias estratégicas imprescindíveis para a resposta concertada às necessidades dos/as stakeholders. Deste modo, estas organizações podem criar respostas adequadas às reais necessidades dos/as beneficiários/as, contribuindo para a resolução de problemas a curto, médio e longo prazo, ao mesmo tempo que permite avaliar questões tão importantes como o bem-estar e a qualidade de vida dos stakeholders envolvidos.

Para além disso, a avaliação de impacto contribui também para uma melhor gestão e utilização dos recursos disponíveis, muito preciosos e também reduzidos no universo destas organizações.

A prática da avaliação de impacto permite depreender a causalidade e determinar o impacto de uma iniciativa, dando uma maior credibilidade às organizações que avaliam o impacto das suas intervenções e contribuindo para a criação de uma cultura organizacional promotora da melhoria contínua."

IPPS-Iscte – Instituto para as Políticas Públicas e Sociais · Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa · ☎ +351 210 464 021 · ✉ geral.ipps@iscte-iul.pt

2. A *Teoria da Mudança* e a sua importância na avaliação de impacto e na comunicação de impacto

RESPOSTA DE NÉLIA FERREIRA

"Pelo que nos foi transmitido pelos nossos professores e pelos vários oradores que através dos vários workshops partilharam connosco o seu conhecimento e o seu saber fazer, entendi a teoria da mudança como sendo uma "bússola", que orienta para a estratégia, para as atividades e para os recursos. Alicerçada em 4 pilares: foco no processo, foco em aprender, foco na participação, e por último foco na metodologia (bússola orientadora).

Para tal o primeiro passo é, tendo em mente a missão de cada Instituição, identificar o problema social que se pretende resolver e/ou mitigar os efeitos, cabendo à equipa de avaliação de impacto desenhar a intervenção, identificando os recursos existentes para o efeito (humanos, financeiros, logística, etc.), identificar as atividades (ações a implementar no sentido de resolver o problema), identificar os outputs (resultados diretos), identificar os beneficiários, identificar os outcomes (resultados indiretos) e por fim identificar o impacto sistémico (tipos de transformações sociais que estão a acontecer como resultados das nossas atividades). Esta abordagem pode ser desenhada por esta ordem ou no sentido inverso, isto é, se estamos a desenhar um projeto/processo, podemos partir do impacto que se pretende gerar até chegar aos recursos existentes, trata-se de uma abordagem proactiva, na medida em que envolve uma perspetiva crítica, de antecipação e medição de relações causais."

RESPOSTA DE VÂNIA MACHADO

"A teoria da mudança funciona como uma "bússola" orientadora da estratégia, das atividades, dos recursos e das práticas das organizações. É um instrumento importante no processo de avaliação de impacto, pois permite a visualização criativa e a reflexão coletiva sobre como gerar impacto. É um instrumento de definição das relações de causa e efeito entre stakeholders, atividades e impactos (cadeia de valor social). É uma análise de contexto e de pressupostos das atividades que queremos gerar.

A teoria da Mudança é uma peça fundamental no ciclo de AI, pois ela permite contar a história de como vamos resolver o problema identificado. A abordagem é proactiva, crítica e antecipadora e permite a medição das relações causais. Começamos em primeiro lugar por identificar o impacto que queremos alcançar, de seguida identificamos os outcomes, depois os resultados imediatos, as atividades e por fim os recursos necessários.

A TM é um instrumento por excelência de comunicação de impacto, pois pode ter um design criativo e empático capaz de cativar a atenção do público-alvo, para além de promover a transparência. Com a TM conseguimos promover a reflexão e consciência sobre um determinado problema e resposta para o mesmo."

RESPOSTA DE ISABEL MELO

"A teoria da mudança é o alicerce de qualquer avaliação de impacto, uma vez que serve de orientação no modo em que a implementação de um projeto ou até mesmo a introdução de um fator de inovação neste mesmo projeto irá atingir os resultados que se pretende alcançar. Conduz eficazmente a definição de recursos, da estratégia, das atividades de uma intervenção e dos resultados obtidos.

Em suma, a teoria da mudança é um instrumento que define as relações de causa e efeito entre stakeholders, atividades e impactos.

IPPS-Iscte – Instituto para as Políticas Públicas e Sociais · Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa · ☎ +351 210 464 021 · ✉ geral.ipps@iscte-iul.pt

A Teoria da Mudança envolve 5 fatores: Inputs (recursos que são utilizados nas atividades); Atividades que fazem parte do projeto desenvolvido; Outputs (resultados diretos, quantidades de bens ou serviços); Outcomes (resultados indiretos, transformações que ocorrem da nossa intervenção); Impacts (resultados sistémicos, de médio e longo prazo, que decorrem da atuação da organização).

A teoria da mudança permite obter uma visão global da evolução de um projeto, definindo o impacto que se quer causar. Envolve uma sequência de passos a serem desenvolvidos, tendo sempre subjacente uma visão a longo prazo.

A construção deste instrumento, de forma clara e objetiva, permitirá comunicar eficazmente o processo de avaliação de impacto."

3. O conceito de *stakeholder* e a sua importância na avaliação de impacto

RESPOSTA DE INÉSIA PONTES

"O conceito de stakeholder ajuda-nos a identificar todos/as os/as agentes com intervenção no projeto, sejam eles/as beneficiários/as diretos, beneficiários/as indiretos, agentes com papel de intervenção, financiadores, etc.

É importante identificar todos os stakeholders no âmbito de uma avaliação de impacto, bem como as suas relações de causa e efeito entre as atividades desenvolvidas e os impactos, de modo a clarificar a cadeia de valor social.

De igual modo é essencial clarificar se há diferentes stakeholders envolvidos no problema e solução identificados para, posteriormente, no âmbito da avaliação a realizar, decidir a melhor forma de auscultação e recolha de informação."

RESPOSTA DE VÂNIA MACHADO

"Os stakeholders são as "partes interessadas" que podem ser afetadas e/ou afetar um processo ou resultado, de forma direta ou indireta, de modo positivo ou negativo.

Identificar e mapear todos os stakeholders é fundamental para o sucesso da intervenção e execução do projeto e processo de avaliação de impacto.

É importante perceber quem é necessário para desenvolver as atividades, quem são os principais beneficiários e quem poderá ser beneficiado indiretamente e até mesmo quem pode experienciar efeitos negativos como resultado da intervenção.

Os stakeholders são as partes interessadas nos valores, modo de produção, resultados e impactos de uma iniciativa."

4. O conceito de *outcome* e a sua importância na avaliação de impacto

RESPOSTA DE INÉSIA PONTES

"Outcome refere-se às mudanças sociais que decorrerem das nossas intervenções e da de outros. São resultados indiretos que precedem os impactos desejados.

Os outcomes são muito importantes na avaliação de impacto já que é através da soma dos outcomes gerados pela nossa intervenção que será possível alcançar os impactos pretendidos. É, ainda, através dos outcomes que se criam os indicadores e meios de verificação (inquéritos, entrevistas, etc.).

IPPS-Iscte – Instituto para as Políticas Públicas e Sociais · Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa · ☎ +351 210 464 021 · ✉ geral.ipps@iscte-iul.pt

É crucial identificar os recursos que serão alocados ao projeto, que resultados diretos (outputs) irão experienciar os/as beneficiários/as, que por sua vez darão origem aos outcomes, cuja soma contribuirá para o impacto sistémico."

RESPOSTA DE VÂNIA MACHADO

"Na cadeia de resultados estabelece-se uma sequência entre os recursos, as atividades, os outputs, os outcomes e o impacto. Portanto estabelece-se uma relação entre a parte da implementação e a parte dos resultados.

A parte dos resultados inclui os outcomes e o impacto, que não estão sob o controle direto do projeto, pois dependem de múltiplos fatores e até mesmo das próprias mudanças comportamentais dos/as beneficiários/as do projeto. Os outcomes são fundamentais na AI porque são as mudanças indiretas, que acontecem antes do impacto, e aliás pressupõe-se que a soma dos outcomes leve inclusive ao impacto desejado."

RESPOSTA DE ANDREA GUEDES

"Outcome traduzido à letra significa resultado e é isto mesmo! É aquilo que se pretende com a nossa intervenção. São as mudanças que resultam de uma ação, são as mudanças que queremos ver acontecer, mas que estará dependente de entidades alheias, ou seja, são mudanças que não controlamos, não conseguimos fazer acontecer.
Outcome é o impacto de um projeto, é a transformação que geramos nos nossos beneficiários e stakeholders."

RESPOSTA DE NÉLIA FERREIRA

"Por outcome podemos entender as mudanças que resultam de uma mudança introduzida, o maior cuidado a ter com a intervenção introduzida, tem a ver com os efeitos negativos não esperados.

Os outcomes estão dependentes de outras entidades e de fatores que afetam os nossos stakeholders, pelo que não são controláveis, contrariamente os outputs tendem a originar resultados diretos sobre os quais temos controlo, porque correspondem ao produto/serviço da nossa organização.

Como exemplo de um outcome podemos referir o aumento do perfil empreendedor numa dada população (jovens NEET por exemplo), outro poderá ser a alteração das atitudes dos potenciais empregadores, neste caso a intervenção seria ao nível da redução da taxa de desemprego jovem."

5. O conceito de *contrafactual* e a sua importância na avaliação de impacto

RESPOSTA DE MARCO SILVA

"O contrafactual é um método de comparação representado por um grupo (grupo de controlo ou de comparação). O grupo de controlo é composto por indivíduos ou empresas que não participaram no programa, enquanto o grupo de tratamento é o grupo que participou no programa. Para estimar o impacto da intervenção, o grupo de tratamento é comparado com o grupo de controlo.

A avaliação produz resultados fiáveis se o grupo de controlo for igual ao grupo de tratamento em todas as características - observáveis e não observáveis - exceto uma: a sua exposição ao programa. Neste caso, quaisquer diferenças após a intervenção podem ser atribuídas ao programa, uma vez que na sua ausência os dois grupos seriam os mesmos."

IPPS-Iscte – Instituto para as Políticas Públicas e Sociais · Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa · ☎ +351 210 464 021 · ✉ geral.ipps@iscte-iul.pt

RESPOSTA DE INÉSIA PONTES

"Contrafactual refere-se à percentagem da mudança ocorrida independentemente da nossa atuação, isto é, apesar de não terem beneficiado da intervenção experienciaram o outcome desejado.

A título de exemplo na avaliação de impacto que desenvolvemos, constatamos que apesar de residual há uma percentagem de formandos/as que, não obstante terem desistido do programa, implementaram os seus negócios (outcome principal) e mantém as suas empresas em funcionamento.

É importante definirmos e avaliarmos o contrafactual pois se o mesmo for muito elevado significa que o nosso projeto não está a contribuir ativamente para a solução identificada, nem a atingir resultados satisfatórios."

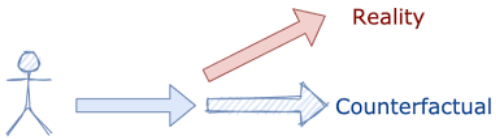
RESPOSTA DE NÉLIA FERREIRA

"É contrastar o nosso desempenho com a realidade de não haver intervenção, dito de outra forma, se a nossa intervenção não existisse o que teria acontecido. Num caso extremo, se a nossa intervenção não tiver sucesso, ou não tiver sido percecionado qualquer impacto por parte dos stakeholders, então o contrafactual é de 100%.

Para obter o contrafactual, poderá recorrer-se a grupos de controlo, contudo deve salvaguardar-se que estes têm as mesmas condições à partida, mas na ausência da intervenção. Na impossibilidade de recorrer a grupo de controlo, importa então selecionar pessoas que não sejam muito afetadas pelas ações da nossa intervenção, por exemplo, quem foi rejeitado no processo de seleção para a intervenção."

RESPOSTA DE ANDREA GUEDES:

"A melhor imagem que me ocorre para definir Contrafactual é esta:



Contrafactual é a diferença entre o que aconteceria se não tivéssemos feito nada e o impacto.

Se a nossa intervenção não existisse como é que resolveríamos o problema, qual teria sido o resultado?! É o que se designa por baseline ou peso morto.

É medir o percurso do stakeholder sem a nossa intervenção.

A análise do contrafactual baseia-se na comparação entre esta situação e a situação real, que beneficiou da intervenção. É a comparação entre estas duas situações que torna possível verificar o impacto dessa intervenção, daí ser importante na avaliação de impacto."

RESPOSTA DE MARIA BATISTA

"Contrafactual é a situação ou evento que não aconteceu, mas poderia ter acontecido. O evento contrafactual faz parte de um mundo possível que contradiz algo do mundo real.

Na avaliação do impacto se conseguirmos trabalhar o contrafactual ficamos com uma perceção relativamente não só ao grupo alvo de intervenção, mas também ao grupo que ficou de fora, permite-nos fazer uma análise ao que teria acontecido e qual seria o resultado para

IPPS-Iscte – Instituto para as Políticas Públicas e Sociais · Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa · ☎ +351 210 464 021 · ✉ geral.ipps@iscte-iul.pt

um participante na ausência do mesmo, permitindo desta forma uma análise válida do projeto."

RESPOSTA DE JORGE BENEVIDES

"O contrafactual consiste na baseline, ou seja, nos impactos gerados independentemente de se ter desenvolvido uma determinada ação/intervenção e sobre a qual se pretende avaliar o impacto social, ou seja, o que se verificaria se não se tivesse realizado qualquer das ações que se está a avaliar.

É a "medida" a partir do qual se pode considerar que a intervenção desenvolvida teve impacto, sendo assim, a identificação do contrafactual essencial para medir o real impacto das intervenções na resolução de problemas e obtenção de impactos de longo prazo."

6. As cinco dimensões para medir um *outcome*, de acordo com a framework *Impact Management Project*

RESPOSTA DE RUI MACHADO

"De acordo com o Impact Management Project (IMP, 2018; Impact Management Project, 2019) as cinco dimensões que devemos utilizar para medir qualquer outcome são:

WHAT, HOW MUCH, WHO, ENTERPRISE CONTRIBUTION e RISK.

Cada dimensão procura responder às seguintes questões:

- WHAT (Que) - Que resultados impulsionam o efeito e quão importantes são para as pessoas que os vivenciam?
- WHO (Quem) – Quem experiencia o resultado e quão desfavorecidos são em relação ao resultado?
- HOW MUCH (Quanto) – Quanto do resultado ocorre? Ocorre em proporção e/ou impulsiona profundamente o resultado? Dura muito tempo?
- ENTERPRISE CONTRIBUTION (Contributo da Empresa) – Qual o Contributo da Empresa para o que provavelmente aconteceria de qualquer forma?
- RISK (Risco) – Qual o risco para as pessoas e o planeta de que o impacto não ocorra como esperado?"

RESPOSTA DE VÂNIA MACHADO

"As cinco dimensões do impacto são:
1) Que resultados impulsiona o efeito e quão importantes são para as pessoas que os vivenciam (ou para o planeta)?;
2) Quem Experiencia o resultado e quão desfavorecidos são em relação ao resultado?;
3) Quanto do Resultado ocorre? Ocorre em proporção e/ou impulsiona profundamente o resultado? Dura muito tempo?;
4) Qual o contributo da Empresa para o que provavelmente aconteceria de qualquer forma?; e
5) Qual o risco para as pessoas e planeta de que o impacto não ocorra como esperado? (Impacto, P. G. de. (2018). Guia para classificar o Impacto de um investimento)."

RESPOSTA DE NÉLIA FERREIRA

"De acordo com o manual Impact Management Project – 60 Decibels, Keystone, Omidyar Network (2019) Using self-reported data for impact measurement, How to use stakeholders surveys to improve impact performance, o IRIS+ é o sistema geralmente aceite para medir, gerir e otimizar o impacto, este sistema é decomposto em 5 dimensões, a saber:

IPPS-Iscte – Instituto para as Políticas Públicas e Sociais · Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa · ☎ +351 210 464 021 · ✉ geral.ipps@iscte-iul.pt

1. What/ O quê: que outcomes queremos atingir, através da nossa intervenção;
2. Who/Quem: quem beneficiou com a nossa intervenção (os stakeholders);
3. How much/ Quanto: avaliar quanto impacto é que a nossa intervenção provocou;
4. Contribution/Contributo: tem a ver com o contrafactual, como é que o nosso outcome se compara com o que iria acontecer se nada fizéssemos, dito de outra forma, até que ponto a nossa intervenção afetou a vida das pessoas;
5. Risk/Risco: quais os riscos que conseguimos identificar e que podem influenciar a nossa intervenção."

7. Os cinco níveis de classificação de impacto de acordo com a framework *Impact Management Project*

RESPOSTA DE VÂNIA MACHADO

"Os cinco níveis de classificação de impacto são:

1) Pode causar danos;
2) Causa Danos;
3) Agir para evitar danos (a organização evita ou reduz efeitos significativos em resultados negativos para as pessoas e planeta);
4) Beneficiar as partes interessadas (a organização não só evita danos, como também gera vários efeitos em resultados positivos para pessoas e planeta);
5) contribuir para as soluções (a organização não só evita danos, mas gera um ou mais efeitos significativos em resultados positivos para pessoas que seriam, de outra forma, desfavorecidas e para o planeta). (Impacto, P. G. de. (2018). Guia para classificar o Impacto de um investimento)."

RESPOSTA DE RUI MACHADO

"De acordo com o Impact Management Project (IMP, 2018; Impact Management Project, 2019) os cinco níveis de classificação de impacto são:

- Pode causar danos; - Causa danos;
- Agir para evitar danos: A empresa evita ou reduz efeitos significativos em resultados negativos importantes para as pessoas e o planeta;
- Beneficiar as partes interessadas: A empresa não só evita danos, como também gera vários efeitos em resultados positivos para as pessoas o planeta;
- Contribuir para as soluções: A empresa não só evita danos, como também gera um ou mais efeitos significativos em resultados positivos para pessoas que seriam, de outra forma, desfavorecidas e para o planeta."

8. O conceito de atribuição em avaliação de impacto

RESPOSTA DE ELISABETE CORREIA

"O conceito de atribuição permite saber se a intervenção causou de facto os impactos observados e compará-lo com os outros agentes de mudança, que de certo modo exerceram impacto sobre os stakeholders.

Não chega saber se a intervenção produziu ou não os impactos, é igualmente importante, por exemplo, compreender de que forma a intervenção os produziu e quais foram os fatores que lhe permitiram ter sucesso, ou não. Para isso é preciso avaliar o resultado da atribuição associado aos agentes de mudança e de que forma essa atribuição foi sentida pelos statkeholders."

IPPS-Iscte – Instituto para as Políticas Públicas e Sociais · Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa · ☎ +351 210 464 021 · ✉ geral.ipps@iscte-iul.pt

RESPOSTA DE INÉSIA PONTES

"Em avaliação de impacto considera-se atribuição à percentagem das mudanças ocorridas cuja responsabilidade é da instituição que implementou o projeto ou atividade, comparando o impacto desta com o de outros agentes de mudança que também causam impacto nos stakeholders – beneficiários diretos.

A realidade social é complexa e envolve diversos atores e relações sociais, pelo que é importante aferir que parte da mudança é completamente atribuída à instituição ou projeto em causa, em comparação com a percentagem que é atribuída a outros agentes sociais - stakeholders, tais como os próprios beneficiários diretos (mérito próprio), Estado, família e amigos, outras associações, etc."

RESPOSTA DE VÂNIA MACHADO

"A atribuição em avaliação de impacto refere-se ao ato de comparar o nosso impacto com a de outros agentes de mudança com impacto nos nossos stakeholders. A análise da atribuição permite-nos verificar qual é o contributo de cada agente envolvido na mudança pretendida (por exemplo o estado, associações locais, o próprio projeto/iniciativa, mérito do/a próprio/a beneficiário/a, apoio de familiares e amigos, etc...). Portanto permite perceber quem contribuiu para a mudança desejada e compreender que a mesma foi gerada em conjunto com outros programas, outras entidades e um por um conjunto de fatores pelos quais não tivemos controle direto."

RESPOSTA DE MÁRCIO PIMENTEL

"O conceito de atribuição em avaliação de impacto traduz-se na comparação do nosso impacto com de outros agentes de mudança com impacto nos nossos stakeholders. Isto é, procurar quantificar o valor e o contributo de cada stakeholder nos resultados de mudança."

9. Métodos de avaliação de impacto, grupos de controlo e riscos éticos nas OESS

RESPOSTA DE INÉSIA PONTES

"Os métodos de avaliação de impacto em que se recorre a grupos de controlo são os métodos experimentais e quasi-experimentais. Nestes métodos tem de existir um grupo de controlo, semelhante ao grupo que irá beneficiar da intervenção, de modo a que se confirme a relação causal do programa. Normalmente este método é utilizado em políticas ou programas de saúde.

No contexto da economia social e solidária não é ético privarmos pessoas de beneficiarem de um programa ou projeto apenas para fins de mediação de impacto social (além de ser mais difícil definir grupos de controlo semelhantes).

Em 2018, diversos autores demonstraram na sua publicação Avaliação de Impacto na Prática (Gertler, et. Al.) esta premissa de não ser ético negar ou adiar a intervenção com fins meramente de avaliação. Defendendo que a forma de seleção dos/as beneficiários deve ser intrínseca ao próprio projeto de intervenção social e não ao processo de avaliação inerente a este.

De igual modo demonstram a importância da transparência de qualquer processo de investigação e de avaliação de impacto, bem como à sua divulgação com vista à sua futura replicabilidade e disseminação, mas sempre preservando a proteção dos dados pessoas de todos/as os/as participantes."

IPPS-Iscte – Instituto para as Políticas Públicas e Sociais · Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa · ☎ +351 210 464 021 · ✉ geral.ipps@iscte-iul.pt

RESPOSTA DE VÂNIA MACHADO

"Os métodos de avaliação de impacto que recorrem a grupos de controlo são o método experimental e o método quasi experimental. No primeiro caso, existe uma comparação entre a população beneficiária do programa com um grupo de controlo de seleção aleatória, isto é, pessoas que não beneficiaram do programa.

No caso do método quasi experimental, existe a comparação entre a população alvo beneficiária do programa com um grupo de controlo de seleção não aleatória (pessoas que não beneficiaram do programa, mas que possuem as mesmas características da população alvo). O principal risco destes métodos está relacionado com a negação ou adiamento da intervenção junto de alguns/algumas beneficiários/as em função da avaliação. As avaliações não devem determinar como os benefícios serão alocados, mas sim devem ser ajustadas às regras de seleção de programas que sejam equitativas e transparentes. Portanto, no universo das organizações de economia social e solidária, e tendo em conta a natureza das suas intervenções, devem ser garantidas as mesmas oportunidades de receção da intervenção e dos benefícios das iniciativas. (GERTLER, Paul J. et al (2016), Avaliação de Impacto na Prática – 2.ª Edição, Grupo Banco Mundial)"

RESPOSTA DE ANDREIA CORDEIRO

"O recurso a grupos de controlo ocorre quando se utiliza o método experimental e o quasi-experimental.

O método experimental compara o grupo beneficiário do projeto com um grupo de controlo, selecionado de forma aleatória, ou seja, um grupo que beneficiou do programa. O quasi-experimental compara, de igual forma, o grupo participante do programa com o grupo de controlo, no entanto, este último grupo possui as mesma caraterísticas mas não beneficiou da iniciativa.

De acordo do (Documento de trabalho nº1/23, Avaliação de Impacto: Breve introdução, 2013) , ao utilizar estes dois métodos o avaliador pode suscitar questões éticas, uma vez que afasta da intervenção um grupo elegível, isto é, um grupo que possui as mesmas caraterísticas do grupo de tratamento, para formar o grupo de controlo.

Para as OES, este método vai contra os princípios de ética e de transparência pois o foco principal é beneficiar as pessoas e alterar o seu percurso de vida de forma positiva e ao impedir a participação no programa pode protelar a melhoria da qualidade de vida e a satisfação das suas necessidade básicas e essenciais.

Por outro lado, segundo (Gertler, et al, 2018) existe também uma preocupação ética em não efetuar a avaliação pois pode perpetuar uma iniciativa que não beneficia a população, levando às OES a incorrer em custos e recursos que poderiam beneficiar outros programas com maior retorno social."

10. Método de avaliação de impacto preconizado pelo IPPS-ISCTE/Stone Soup no "Açores com Impacto" e recurso a grupos de controlo

RESPOSTA DE INÉSIA PONTES

"O método de avaliação preconizado neste curso foi o não experimental, através da comparação de outcomes e impactos analisando diferenças dentro do grupo-alvo de avaliação, que beneficiou do programa.

IPPS-Iscte – Instituto para as Políticas Públicas e Sociais · Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa · ☎ +351 210 464 021 · ✉ geral.ipps@iscte-iul.pt

Assim, a comparação realizada é preconizada sem grupo de controlo, por tal não ser possível nem ético, recorrendo ao cálculo das médias das distâncias percorridas pelos/as beneficiários/as (perfil de entrada versus perfil pós intervenção).

Para o efeito a principal metodologia adotada foi o IMP (Impact Management Project), contemplando os objetivos de Desenvolvimento Sustentável (17ODS2030)."

RESPOSTA DE VÂNIA MACHADO

"O método de avaliação preconizado neste curso e recomendado foi o método não experimental, isto é, houve uma comparação de outcomes e impactos e uma análise das diferenças dentro da população alvo beneficiária do programa. Portanto não foi definido nenhum grupo de controlo.

A metodologia adotada ao longo de todo o processo de avaliação foi o Impact Management Project (IMP), contemplando os objetivos de desenvolvimento sustentável (17ODS2030). Esta metodologia permitiu-nos mapear e analisar previamente o impacto que pretendíamos alcançar, em quem, o nosso nível de contribuição e potenciais riscos; permitiu-nos também escolher indicadores e meios de verificação (fontes); comparar resultados com objetivos; e Comunicar estes mesmos resultados.

Foram efetuadas avaliações POST/PRE Retroativas, que são fundamentais para analisar os programas/projetos já criados no passado, sendo este método de avaliação o mais adequado, pois estivemos a trabalhar sob programas e iniciativas que já tinham sido realizadas no passado."

RESPOSTA DE MARCO SILVA

"O método de avaliação de impacto recomendado neste curso foi o método não experimental devido à ausência de grupo de controlo. Foram definidos como métodos de medição a Teoria da Mudança e o Modelo Lógico (Logframe) e como método de avaliação o IMP – Impact Management Project aliando os 17 objetivos de desenvolvimento sustentáveis 2020/30."

IPPS-Iscte – Instituto para as Políticas Públicas e Sociais · Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa · ☎ +351 210 464 021 · ✉ geral.ipps@iscte-iul.pt

Referencial de avaliação de impacto IPPS-ISCTE e Stone Soup no projeto "Açores com Impacto"

Neste ponto do manual apresentamos o nosso referencial, a "bússola" orientadora do processo de avaliação de impacto que preconizamos atualmente no seminário MAIOES e que foi implementado no projeto "Açores com Impacto". Trata-se de um guia para apoio à decisão no desenho de uma avaliação e que permite ter uma perspetiva global de todo o processo.

ELEMENTOS DO REFERENCIAL | PONTO INTRODUTÓRIO DE UM PLANO E RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DE IMPACTO

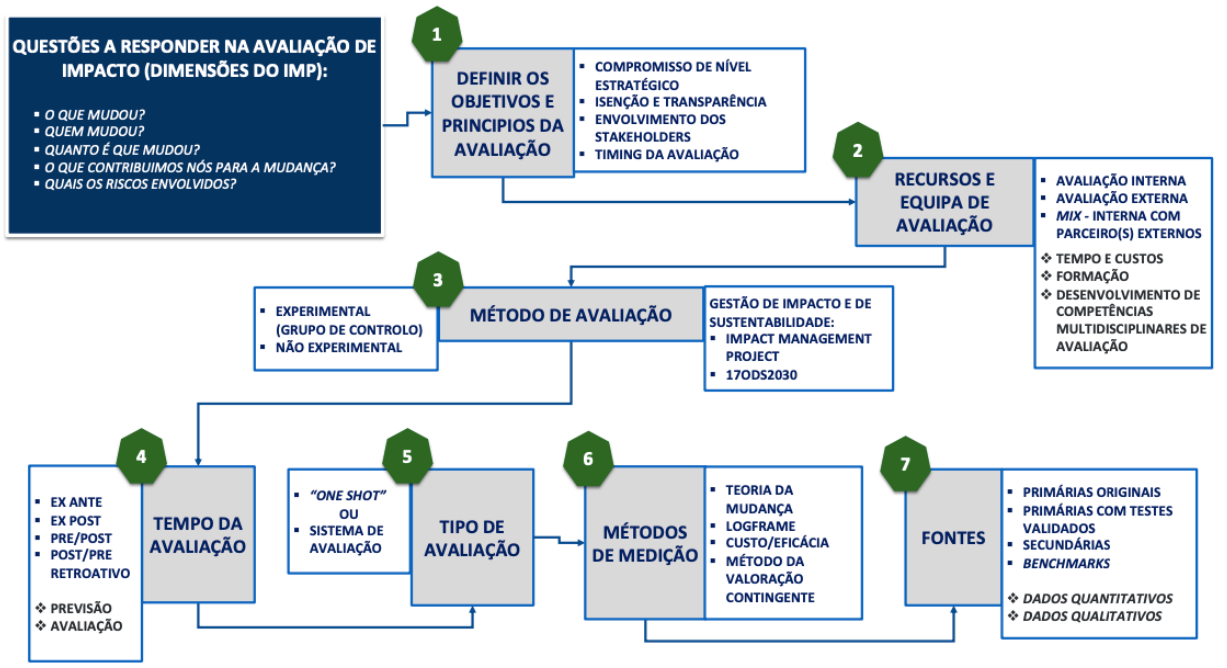
1. **Objetivos e Principios da Avaliação de Impacto**
2. **Recursos e Equipa de Avaliação**
3. **Método de Avaliação**
4. **Tempo da Avaliação**
5. **Tipo de Avaliação**
6. **Métodos de Medição**
7. **Fontes**

CONCEITO DE *CONTRIBUIÇÃO* NA CAUSALIDADE

"A noção de uma causa 'contributiva' parte do pressuposto de que os efeitos são produzidos por várias causas ao mesmo tempo, sendo que isoladamente nenhuma delas é capaz de explicar todo o impacto. (...) A intervenção é uma causa contributiva para o impacto se: o conjunto de causas na qual a intervenção se inscreve foi suficiente para provocar o impacto e se a intervenção foi uma parte relevante desse pacote causal."

Traduzido de: ***Elliot Stern (2015) Impact Evaluation, A Guide for Commissioners and Managers, Big Lottery Fund, Bond, Comic Relief and the Department for International Development***

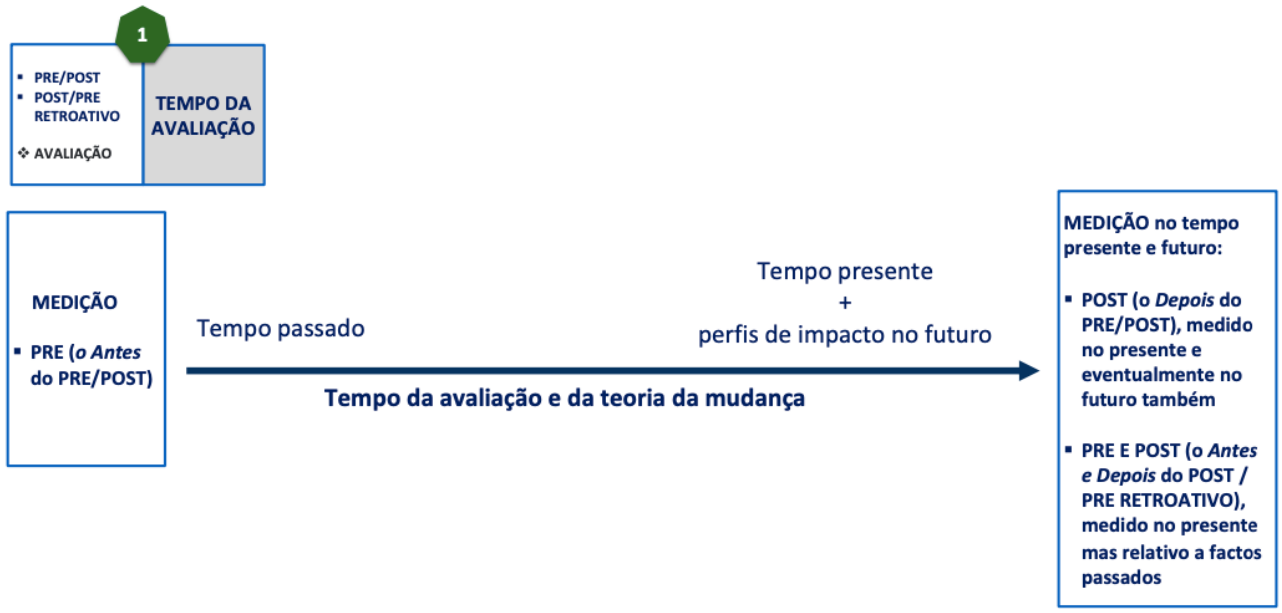
DESENHO E PLANO DE AVALIAÇÃO DE IMPACTO: PASSO A PASSO



IPPS-Iscte – Instituto para as Políticas Públicas e Sociais · Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa · ☎ +351 210 464 021 · ✉ geral.ipps@iscte-iul.pt

PLANO DE AVALIAÇÃO DE IMPACTO: CONSTRUÇÃO DE INDICADORES

PLANO DE AVALIAÇÃO DE IMPACTO: ANÁLISE, REPORTING E COMUNICAÇÃO



IPPS-Iscte – Instituto para as Políticas Públicas e Sociais · Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa · ☎ +351 210 464 021 · ✉ geral.ipps@iscte-iul.pt

Análise quantitativa e qualitativa em avaliação de impacto no IMP "Açores com Impacto"

PASSO 1 – Extração dos dados para serem preparados em excel. Muitas plataformas têm já esta funcionalidade.

PASSO 2 – Transformação, codificação e preparação das variáveis, em particular de texto para número

PASSO 3 - (A. Quantitativa) – Preparação dos indicadores quantitativos fundamentais (scorings por respondente; médias das escalas; % de pessoas com um certo limiar; cálculos da matriz IMP; estatística descritiva)

PASSO 4 - (A. Qualitativa) – Preparação dos indicadores qualitativos fundamentais (contagem de termos; codificação de respostas em categorias e contagem da frequência dessas categorias; análise de conteúdo de entrevistas semi-estruturadas e Focus Groups)

PASSO 5 - (Análise final para conclusões através da confirmação/infirmação de hipóteses e/ou de tendências) – Descrição e interpretação, gráfica e de texto, dos indicadores que demonstram em que medida a teoria da mudança está a ser atingida ou não

ANÁLISE QUANTITATIVA

TIPOS DE PERGUNTAS E VARIÁVEIS:

- NOMINAIS: lista de categorias
- ORDINAIS: intervalos de valores
- CONTÍNUAS: número

PASSO 2 – Transformação, codificação e preparação das variáveis, em particular de texto para número

Exemplos:

- GÉNERO (VARIÁVEL NOMINAL): masculino = 1; feminino = 2; outro = 3
- ESCOLARIDADE (ORDINAL): sem ensino básico = 0; 1º ciclo do ensino básico = 1; etc
- IDADE (CONTÍNUA): garantir que o campo está em formato número

ANÁLISE QUANTITATIVA

ETAPAS DA ANÁLISE

- DESCREVER AS VARIÁVEIS
- ANALISAR AS VARIÁVEIS
- INTERPRETAR OS RESULTADOS

PASSO 3 - (A. Quantitativa) – Preparação dos indicadores quantitativos fundamentais (scorings por respondente; médias das escalas; % de pessoas com um certo limiar; cálculos da matriz IMP; estatística descritiva)

DESCREVER AS VARIÁVEIS (Tabelas Dinâmicas ou *Pivot Tables* do Excel)

- Descrição de cada pergunta em análise de frequências via tabelas de percentagens e respetivos gráficos (medidas de tendência central – média; desvio-padrão; a % de pessoas com um certo limiar da variável; comparação de médias)

PASSO 5 - (A. Quantitativa)
ANALISAR AS VARIÁVEIS (Tabelas, Algoritmos e Gráficos)
Estatística inferencial

- Variáveis Nominais = Chi-Square no Excel
  https://www.youtube.com/watch?v=KNR59hgPC4E&feature=emb_logo
- Variáveis Contínuas = Correlações e Teste T de Student no Excel
  https://www.youtube.com/watch?v=pTmLQvMM-1M

IPPS-Iscte – Instituto para as Políticas Públicas e Sociais · Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa · ☎ +351 210 464 021 · ✉ geral.ipps@iscte-iul.pt

ANÁLISE QUALITATIVA

ETAPAS DA ANÁLISE

Ver: Gil, A. C. (1989) Métodos e técnicas de pesquisa social, Editora ATLAS

- DEFINIR CATEGORIAS
- CODIFICAÇÃO
- TABULAÇÃO
- ANÁLISE DOS DADOS
- INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

PASSO 4 - (A. Qualitativa)

- DEFINIR CATEGORIAS

Decidir que teorias, principios, lógicas, estarão no centro do processo de classificação dos dados qualitativos, processo através do qual vamos desenvolver as categorias emergentes que nos permitem traduzir padrões complexos em indicadores inteligiveis.

- CODIFICAÇÃO

Ver: Gil, 1989, p.168: *"Codificação é o processo pelo qual os dados brutos são transformados em símbolos que possam ser tabulados."*

- TABULAÇÃO

Ver: Gil, 1989, p.169: *"Tabulação é o processo de agrupar e contar os casos que estão nas várias categorias de análise."*

- ANÁLISE DOS DADOS

Identificar padrões de semelhança e de variabilidade entre os individuos do grupo. Identificar novas hipóteses.

- INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Contributo da análise qualitativa para a confirmação de tendências e dependendo da sua fiabilidade, confirmação/infirmação de hipóteses

PLANO DE AVALIAÇÃO DE IMPACTO: CONSTRUÇÃO DE INDICADORES

CONTRAFACTUAL

- **O STAKEHOLDER TERIA O *OUTCOME* SEM NÓS?**
  => MEDIR O PERCURSO DOS STAKEHOLDERS SEM NÓS

- **SE SIM E POSITIVO, QUE % TERIA?**
- **SE TEVE IMPACTO NEGATIVO, PORQUÊ?**
- **SE NÃO TERIA O OUTCOME = 0% DE CONTRAFACTUAL**

- **DURANTE QUANTO TEMPO?**

- **HÁ OUTCOMES E STAKEHOLDERS DECORRENTES DESTE? DE QUE DIMENSÃO? SOCIAL, ECONÓMICA, AMBIENTAL, CULTURAL?**

- **EXEMPLO de CONTRAFACTUAL** (no contexto do Pre/Post e Post/Pre)

  - **Taxa de empregabilidade**

De um conjunto de 100 pessoas desempregadas que se inscreveram numa intervenção Y, 50 desistem da intervenção. Dessas 50 pessoas há 10 que conseguem emprego apesar da desistência. Dos 50 beneficiários que usufruiram plenamente da intervenção Y, temos 40 que conseguem emprego. O contrafactual neste caso é = 10 / (10+40) = 20%, o que significa que o Projeto poderá ter um impacto de 80% neste outcome mas que 20% desse outcome vai acontecer de qualquer forma.

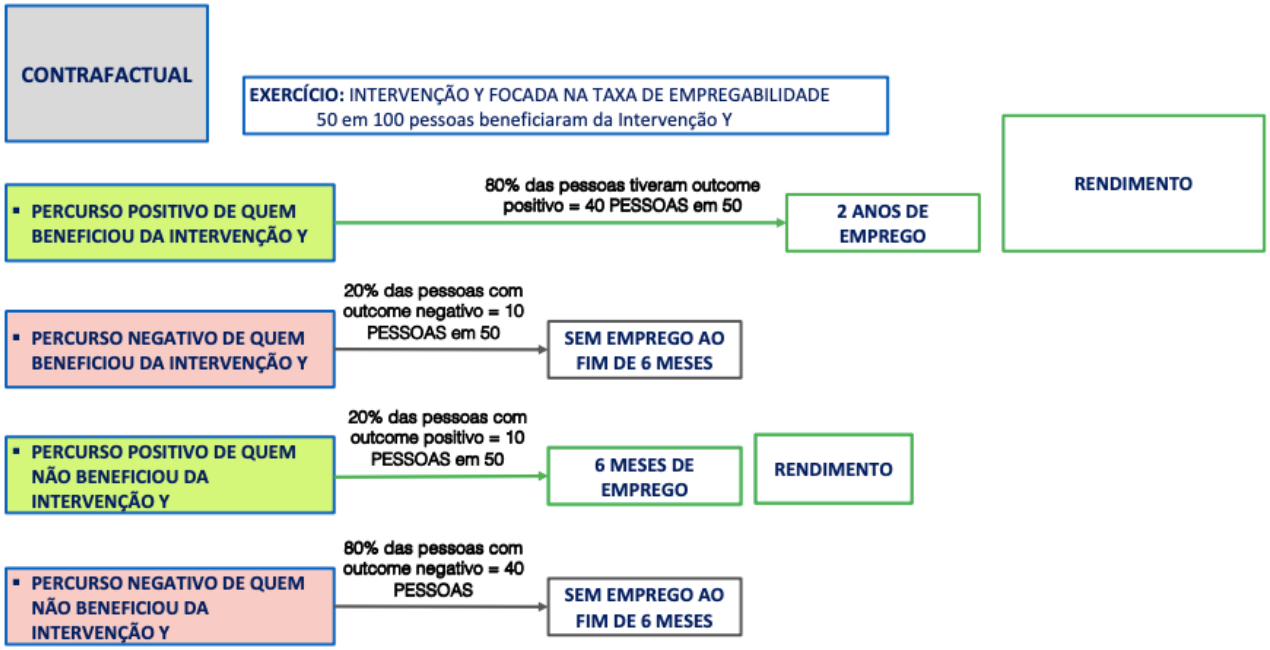
Fontes:

- Dados de fontes secundárias nomeadamente de gestão de projeto – pessoas que têm a necessidade à qual a intervenção visa responder, que se inscrevem mas que se dividem entre percursos de sucesso e de insucesso
- Perguntas de inquérito por questionário:

1. *Beneficiou da intervenção Y? (sim/não)*
2. *Porque razões não beneficiou da intervenção Y? (exemplos de formas de resposta: desistiu após a inscrição por vontade própria; desistitu porque não tinha condições para fazer a formação; desistiu a meio da formação; etc)*
3. *Até que fase beneficiou da intervenção Y? (exemplos de formas de resposta: fez a formação completa; fez a formação e usufruiu da mentoria e apoio à contratação, etc)*
4. *Conseguiu arranjar emprego entre a data X1 e a data X2?*
5. *Quanto tempo durou ou há quanto tempo dura essa situação de emprego?*

IPPS-Iscte – Instituto para as Políticas Públicas e Sociais · Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa · ☎ +351 210 464 021 · ✉ geral.ipps@iscte-iul.pt

PLANO DE AVALIAÇÃO DE IMPACTO: CONSTRUÇÃO DE INDICADORES



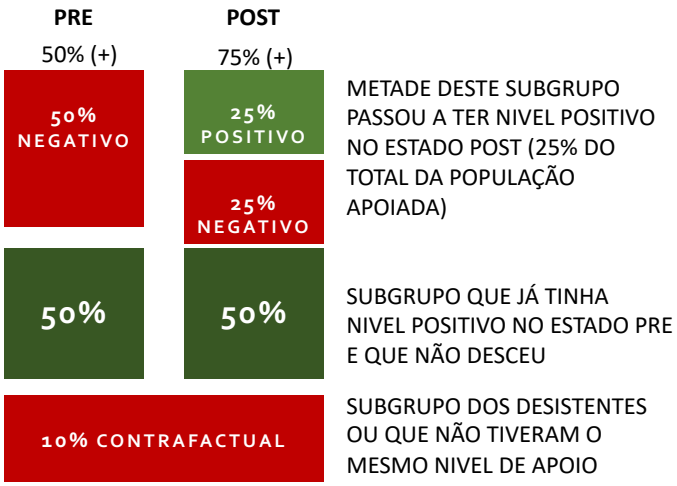
Exemplo cálculo IMP 1

IMP – níveis de impacto e sentido positivo ou negativo			KPI's
1 – Pode causar impactos negativos		0% - 20%	**Taxa de empregabilidade** Ntotal da intervenção Y = 100 pessoas Contrafactual = Taxa de empregabilidade de 20% (N = 100 das quais 50 pessoas conseguiram emprego e 10 dessas 50 pessoas não beneficiaram da intervenção) Impacto = Taxa de empregabilidade de 60% (N = 50 pessoas beneficiárias do programa, sendo que 40 em 50 dessas pessoas conseguiram emprego, mas as outras 10 revelam impacto negativo da intervenção Y) Impacto = 100% - 20% de contrafactual - 20% de impacto negativo
2 – Causa impactos negativos		21% - 40%	
3 – Evita ativamente causar impactos negativos		41% - 60%	
4 – Beneficia os seus stakeholders	x	61% - 80%	
5 – Contribui para as soluções		81% - 100%	

IPPS-Iscte – Instituto para as Políticas Públicas e Sociais · Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa · ☎ +351 210 464 021 · ✉ geral.ipps@iscte-iul.pt

Exemplo cálculo IMP 2

Outcome 1 – Melhoria da satisfação com a vida (Gallup/OCDE)
Pergunta com escala de 1 a 10, nivel positivo ≥ 5



IMP – níveis de impacto		
1 – Pode causar impactos negativos		**0% - 19%**
2 – Causa impactos negativos		**20% - 39%**
3 – (A) Evita ativamente causar impactos negativos		**40% - 59%**
4 – (B) Beneficia os seus stakeholders	**65%**	**60% - 79%**
5 – (C) Contribui para as soluções		**80% - 100%**

Exemplo cálculo IMP 3

IMP – níveis de impacto			Outcome "Redução do nível de risco"
1 – Pode causar impactos negativos		0% - 20%	***Exemplo ficticio do estudo de caso: Projeto XYZ Saúde Mental em contexto de crise no outcome "redução do nível de risco"*** - O impacto positivo atingido corresponde à % de mudança gerada pelo outcome, descontado o contrafactual, ie, que % de pessoas baixaram o seu nível de risco para os dois níveis normais, o moderado e o leve. **Ntotal de pessoas apoiadas = 200 pessoas**
2 – Causa impactos negativos		20% - 40%	
3 – Evita ativamente causar impactos negativos		40% - 60%	
4 – Beneficia os seus *stakeholders*		60% - 80%	Contrafactual = 17% (total de 44 pessoas em que 30 beneficiários não desceram de nível e 14 beneficiários desceram mas não atribuem ao projeto XYZ essa descida e sim a outros stakeholders).
5 – Contribui para as soluções	83%	80% - 100%	Impacto: N = 166 pessoas desceram de nível de risco e atribuiram os 100 pontos da pergunta de atribuição ao(à) terapeuta no Projeto XYZ (166 x 100 = 16600) | 83% ((16600 / 20000) x 100)

Exemplo cálculo IMP 4

IMP – níveis de impacto			Outcome "Redução do nível de risco"
1 – Pode causar impactos negativos		0% - 19%	***Exemplo ficticio do estudo de caso: Projeto XYZ Saúde Mental em contexto de crise no outcome "redução do nível de risco"*** - O impacto positivo atingido corresponde à % de mudança gerada pelo outcome, descontado o contrafactual, ie, que % de pessoas baixaram o seu nível de risco para os dois níveis normais, o moderado e o leve. **Ntotal de pessoas apoiadas = 200 pessoas**
2 – Causa impactos negativos		20% - 39%	
3 – Evita ativamente causar impactos negativos		40% - 59%	Contrafactual = 44% (total de 44 pessoas em que 30 beneficiários não desceram de nível e 14 beneficiários desceram mas não atribuem nenhum contributo do projeto XYZ para essa descida e sim a outros stakeholders). Além disso a atribuição média entre os 166 que tiveram o outcome, foi de 80%, o que implica descontar 20%.
4 – Beneficia os seus *stakeholders*	66%	60% - 79%	Impacto: N = 166 pessoas desceram de nível de risco e atribuiram em média 80 pontos em 100 da pergunta de atribuição ao(à) terapeuta do Projeto XYZ | resultado final é de 66%. O desconto da atribuição significa que de um total possível de outcome de 166 x 100 pontos = 16600, o projeto teve 166 x 80 pontos = 13280. Se considerarmos que o total máximo possível do outcome, com 0% de contrafactual e 100% de atribuição, seria de 20000 (200 x 100), então sabemos o nosso nivel de impacto perante o IMP, 13280 / 20000 x 100 = 66%
5 – Contribui para as soluções		80% - 100%	

IPPS-Iscte – Instituto para as Políticas Públicas e Sociais · Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa · ☎ +351 210 464 021 · ✉ geral.ipps@iscte-iul.pt

Plano de avaliação de impacto

Os conteúdos de orientação e implementação do plano de avaliação de impacto têm a estrutura descrita em baixo, baseada nos princípios da plataforma internacional de boas práticas ***impactmanagementproject.com***, cujos materiais pedagógicos de orientação e recursos aplicacionais estão nas pastas **"Recursos de orientação"** e **"Recursos aplicacionais".**

Índice do relatório final		**Objetivo de aprendizagem**	**Objetivos metodológicos**	**Entregável documental**
1. Metodologia, enquadramento e contexto	1.1. Metodologia de avaliação de impacto; 1.2. Enquadramento do tema e contexto da avaliação	Saber descrever o referencial da avaliação de impacto e enquadramento da avaliação	Usar com sucesso a bibliografia e o guia de avaliação para tomar decisões face ao contexto da avaliação	Texto de introdução do relatório
2. Teoria da mudança e stakeholders	Problema, solução, relações causais, modelo lógico e matriz IMP	Saber desenvolver uma teoria da mudança	Usar com sucesso as matrizes da teoria da mudança	Matrizes preenchidas corretamente e texto de apoio
3. Resultados | Outcome; 3.1. Perfil pré-intervenção dos stakeholders	- o contrafactual (Contribution) - o limiar do positivo do outcome (What) - a baseline em que se encontra o stakeholder (Who) - o grau de mudança experienciado pela parte interessada (How Much). A profundidade é calculada analisando a mudança que ocorreu entre o 'nível de resultado na linha de base' (Who - ii) e o 'nível de resultado no período' (What); - Atribuição	Saber realizar um Post / Pre-retroativo	Usar com sucesso a matriz do IMP e a bibliografia de construção de indicadores e fontes	Questionário ou guião ou dados de fonte secundária
3. Resultados | Outcome 3.2. Perfil pós-intervenção dos stakeholders		Saber realizar um Pre-Post	Usar com sucesso a matriz do IMP e a bibliografia de construção de indicadores e fontes	Questionário ou guião ou dados de fonte secundária
4. Análise	a) indicadores da matriz IMP; b) indicadores dos outcomes e das relações causais medidas	Saber realizar análise quantitativa e qualitativa; Saber definir um processo de apoio à decisão e perspetivas de melhoria contínua	Usar com sucesso a matriz do IMP e a bibliografia de análise, reporting	Excel do trabalho de campo e texto da análise de dados para o relatório
5. Conclusões	Síntese de comunicação para o impacto	Saber sintetizar os indicadores mais relevantes e criar conteúdos de comunicação para o impacto, conteúdos atrativos e intuitivos para os stakeholders		Texto e infografias para o relatório e para outros media onde o projeto deseje comunicar

IPPS-Iscte – Instituto para as Políticas Públicas e Sociais · Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa · ☎ +351 210 464 021 · ✉ geral.ipps@iscte-iul.pt

Equipa e autoria

O presente manual de replicação do Açores com Impacto foi concebido e redigido pelo **Professor Tito Damião Albernaz**, com apoio da Professora **Cláudia Pedra** e conteúdo da autoria dos mentores de avaliação de impacto, do curso "Açores com Impacto" 2020/1, no ponto "Orientação | Conceitos-chave".

Supervisão

O "Açores com Impacto" beneficiou da supervisão dedicada da Secretária-Geral do IPPS-ISCTE, a **Professora Isabel Flores** disponível para qualquer esclarecimento relativo a propostas para projetos de formação universitária e potenciais parcerias com o IPPS-ISCTE. O instituto conta ainda com uma excelente **equipa de apoio** coordenada pela Professora Isabel Flores, prestando apoio no âmbito digital, na organização de eventos e administrativo, cujos contributos são essenciais para o sucesso pedagógico dos projetos IPPS-ISCTE, equipa a quem os docentes "Açores com Impacto" agradecem pelo seu empenho, simpatia e eficácia.

Email: **Isabel_Cristina_Vieira_Silva@iscte-iul.pt**

Coordenação

O programa curricular da formação avançada em avaliação de impacto no IPPS-ISCTE e o curso "Açores com Impacto" são coordenados pelo **Professor Tito Damião Albernaz** desde 2015.
Qualquer esclarecimento sobre a formação avançada do IPPS-ISCTE em avaliação de impacto, nomeadamente o seminário MAIOES em Metodologias de Avaliação de Impacto nas OES e questões sobre o projeto "Açores com Impacto", escreva por favor para:

Email: **tito_albernaz@iscte-iul.pt**

Equipa Docente e de Mentoria

A equipa docente concebeu os conteúdos do curso, ministrou a formação e a mentoria, bem como a concepção e organização dos workshops realizados e estamos disponíveis para qualquer esclarecimento sobre o projeto "Açores com Impacto".

Tito Damião Albernaz | tito_albernaz@iscte-iul.pt

Cláudia Pedra | claudia.pedra@stone-soup.net

Francisco Neves | francisco.neves@stone-soup.net

IPPS-Iscte – Instituto para as Políticas Públicas e Sociais · Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa · ☎ +351 210 464 021 · ✉ geral.ipps@iscte-iul.pt

ipps_iscte

Melhores Políticas Públicas

IPPS-Iscte - Instituto para as Políticas Públicas e Sociais

Av.ª das Forças Armadas, Edifício I, Gabinete 2SE03

1649-026 Lisboa

Segunda-feira, das 10h00-13h00

Terça a sexta-feira, das 10h00-13h00 e das 14h30 às 18h00

Tel.: +351 210 464 021 / 316

E-mail: geral.ipps@iscte-iul.pt